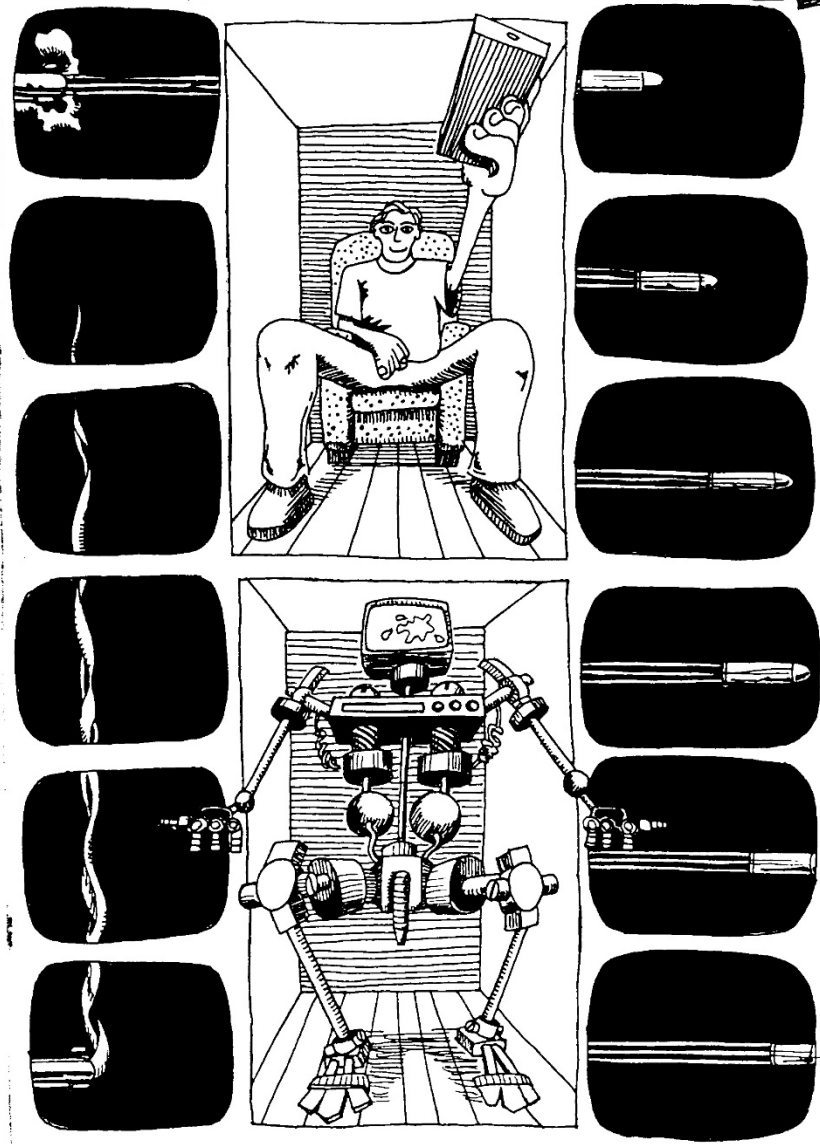




HISTÓRIAS DOS INFINITOS MUNDOS II 160



Atravessi o corredor despressurizado com facilidade até alcançar a sala de diversões, que tinha esse nome só por ter plantada bem em seu centro, uma sala espaçosa com espaçosas e longas paredes brancas, uma poltrona vermelha. Sentar-se nela era ficar bem em

frente ao meu moderno aparelho televisivo de interatividade PX 3001. As paredes eram longas e brancas como, aliás, eu já disse, e ficavam cada vez mais longas por serem brancas. Nunca pendurei em suas paredes um único quadro. Não fazia sentido decorar aquele espaço que era importante por romper, assim que eu desejasse com meu controle remoto, as próprias barreiras físicas.

Sentei-me confortavelmente na poltrona vermelha, que fora construída especialmente para mim, como exigia o perfeito funcionamento da nova tecnologia da interatividade. Sua superfície platinada sabia decifrar um a um os caminhos de minha sensibilidade. Pelo simples contato era como que metesse em mim suas garras e as fincasse em meus nervos, fazendo-me sonhar. Apesar do prazer que sentia, estava também um pouco ansioso. O jogo que eu esperava para ver era mais um típico clássico carioca, um FLA x FLU, talvez a tradição mais antiga da humanidade. Ou se era FLA. Ou se era FLU. Mas isso não implicava em uma reengenharia social. FLAs e FLUs eram muito diversificados: nobres, ricos, gays, negros, panssexuais, anões. havia todos os tipos de FLAs e FLUs, essas duas

CRÔNICA DOS INFINITOS MUNDOS

PRIMEIRO EPISÓDIO



novas e únicas religiões do nosso tão grandioso tempo.

O jogo iria começar daqui a segundos. Sabia que poderia demorar ainda uns quinze minutos para que meu corpo se adaptasse à poltrona vermelha, e a TV interativa começasse realmente a funcionar. Enquanto aguardava ansioso pelo fluxo de beleza e brilho da minha TV interativa PX 3001, o modelo do ano, resolvi decididamente tomar mais uma pílula para superdesenvolvimento do pós-hipotálamo. Assim, poderia desenvolver mais as propriedades deste último, sem sombra de dúvida o mecanismo de propulsão da nova tecnologia.

Enquanto isso, pequenos flashes e lembranças de ontem a noite percorriam o meu cérebro como correntes elétricas, como a varredura da própria TV interativa PX3001. Divertira-me muito revendo o original em sistema interativo do clássico *Branca de Neve e os Sete Anões*. Escolhi como personagem o Capanga da Madrasta. Quando fiquei a sós com a Branca de Neve, cortei com minha adaga o decote daquele espartilho azul. Peguei-a em meus braços e comi-a como sempre sonhara, desde criança. Seus gritinhos agudos eram sufocados pelos meus urros animalescos e a

ameaça de minha adaga.

A mesma adaga que, segundos depois, rasgou o peito de Branca de Neve na altura dos mamilos para o sangue cor de sangue manchar aquela pele alva. Aquelas duas bolinhas cor-de-rosa nas maçãs do rosto há muito haviam

desaparecido, e Branca de Neve era cada vez mais branca por que era minha. Com um golpe seco arranquei de seu peito o coração sangrento, depositando-o, um pouco enojado, dentro da caixa vermelha que a Rainha Madrasta Mã havia me dado para tal fim. Saí correndo desembestado pela floresta, levando em minhas mãos um presente para minha deusa dos espelhos. Os galhos das árvores raspavam em meu rosto, batendo as vezes com força, mas eu não conseguia parar de correr. Quando finalmente alcancei os portões do palácio e invadi como um bárbaro a sala real, estava exausto. Ajoelhei-me perante a rainha e entreguei-lhe a caixa, uma verdadeira jóia do mundo encantado Disney. Quando ela percebeu o que havia em seu conteúdo, pegou-me pelos cabelos e me beijava ao mesmo tempo que gritava com fúria: "Agora que não existe ninguém mais bela do que eu, você será meu rei e guardião de minha beleza. Você arrancará o coração de qualquer outra Princesa que ameace minha soberania!". O restante da fita passamos trepando como loucos nas escadarias e torres do palácio imperial. O raio da madrasta batia um bolão.

Começou. Finalmente a TV interativa começa a funcionar e, num tapa só, sou transportado subitamente para o Novo Templo Maracanã, o maior lugar fechado sobre a superfície do Planeta Terra. Quadrilhões de homens abarrotados sobre as prateleiras suspensas e arquibancadas antigas (ainda de concreto!), fósseis de um velho Maracanã de dois séculos atrás, quando ainda recebia agremiações de terceiro escalão. O jogo já tinha começado. Como estava na ala virtual (era rico, ora pois), tinha a melhor visão da partida. E as melhores sensações também. Mas não ficava muito ligado no jogo. Desviava minha atenção já tão difusa para a multidão nas arquibancadas, as pessoas reais que estavam agora dentro da minha sala branca de paredes espaçosas e brancas.

E não só eles. Seus fogos de artifícios barulhentos, suas colossais bandeiras que cobriam de uma só vez bilhões de homens, suas bebidas, suas bombas de xixi. E ficava observando aquelas pessoas que eram ao mesmo tempo reais e virtuais. Elas existiam. Estavam ali. Mas não verdadeiramente aqui. Mas tão verdadeiramente aqui que poderiam me tocar, ou até mesmo me matar com suas bombas e armas e facas e socos e pedaços de pau e raiva de mim, o Virtual, o que vê o jogo sem sair de casa. Um dos poucos que tem garantia quase total de voltar são e salvo para seu bunker, sem ter que enfrentar a rivalidade e ira da torcida oposta.

Apesar de não perder um só clássico FLA x FLU, como é normal entre os homens e

mulheres do meu tempo, fico o tempo todo olhando somente para as torcidas, fascinado pelo seu poder de multidão e barbárie. Nunca confessei isso a ninguém, pois seria suficiente para me eliminar do convívio social, mas não torço para nenhum time. Não sou FLA. Não sou FLU. Mas posso ser amante da Branca de Neve e da Madrasta. Mas talvez não possa me lembrar de nada disso amanhã. Um dos problemas da pílula para o superdesenvolvimento do pós-hipotálamo. Amnésia. Perda da linearidade da memória e do pensamento. Mergulho numa massa cinzenta de realidade. Virtual.

Fim do primeiro tempo. O intervalo para o gozo da torcida, sem objeto de atenção, livre em sua própria selvageria. Vou ao banheiro. Penetro em outro corredor de minha casa em sua direção. Agarro a maçaneta e giro-a lentamente. Estou agora nos banheiros masculinos do Templo Maracanã, onde aproximadamente quatro trilhões de homens e mulheres fazem xixi e outras cositas más.

CONTINUA NO PRÓXIMO FANZINE

Fabiano Moreira



DAS CERIEZAS:
os cabelos sempre
crescem. e um
dia se perde
a pureza.



© KtSch

o fascínio do fausto
o fascínio do fácil
o fascínio do fósil
o fascínio do fútil
o fascínio do falso

Fernando Fábio Fiorese Furtado

se conseguiu
repetir
cada sí la ba
deste poema
24 vezes por
segundo
veria então
meu poema
em movimento.

persistência
retiniana

Ou quem sabe talvez apenas sílabas repetidas

imóveis

por demais agarradas fincadas como postes

neste papel

(Pobre poema meu: ambiciona tanto ser cinema que vislumbra seu próprio verso fo-to-gra-ma)

Fabiano



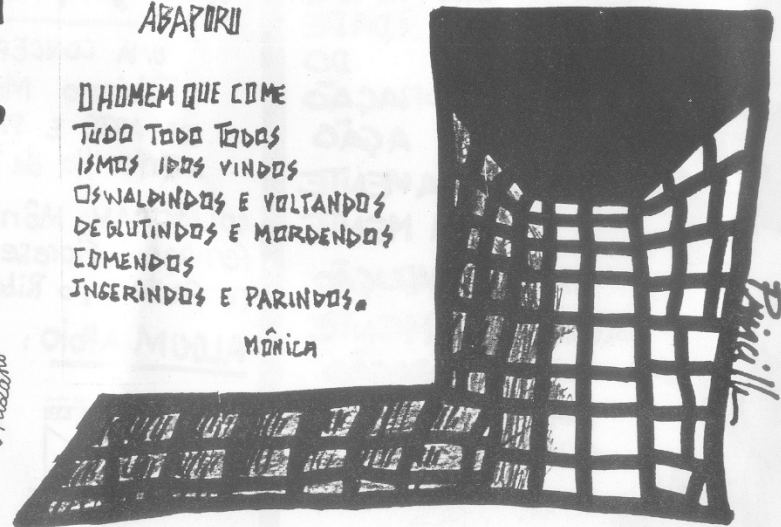
VIVA A BO
SSASSASSA
nem só de amor
sorriso e a flor
vivia a bossa
é bim bom:
a bossa
(que é nova)
também é
concreta
oba lá lá

Fabiano.

ABAPORU

DHOMEM QUE COME
TUDO TUDO TODOS
ISMOS IDOS VINDOS
OSWALDINDOS E VOLTANDOS
DE GLUTINDOS E MORDENDOS
COMENDOS
INGERINDOS E PARINDOS.

MÔNICA



bom dia Pergunta

L.Y.R.I.C.S

Sem nome

QUAL É O NOME DO HOMEM QUE TEM FOME?
QUAL É A FOME DO HOMEM QUE TEM NOME?
QUAL É O NOME DA FOME DO HOMEM?

tradução

criatividade
atividade
idade

do
coração
ação

paralelamente
a mente

faz a tradução
paralela à mente

o coração
na atividade:
criatividade.

Letras: JES

BAT MACUMBA

UMA CONCEPÇÃO:
Fabiano Moreira
COM ARTE E PARCERIA:
Priscilla de Paula

COLABORAM: Mônica, Gustavo,
fernando Fiorese, e os Leões
(o Coetano, o Ribeiro e o Teixeira).

ALGUM APOIO:



TAMBÉM
QUEREMO
ENTRA
PRA
COMISSÃO!

Coração Materno

UMA FOTONOVELA BATMACUMBA PRODUÇÕES
A PARTIR DE UMA CANÇÃO
DE VICENTE CELESTINO

★ STARRING ★

CORAÇÃO DE BOI, como Coração Materno
LÉO TEIXEIRA, como o Campônio
PRISCILA AZEVEDO, como Sua Amada
ANA SIMÕES, como a Rebre Mãezinha

FOTOS: Léo Coetano
STORY-BOARD e ESCRITA
Léo Ribeiro
PRODUÇÃO: Pri de Paula
DIREÇÃO E CONCEPÇÃO:
Fabiano Moreira

MINHA IDOLATRADA, DIGA O QUE QUER, POR TI,
VOU MATAR, VOU ROUBAR, EMBORA TRISTEZAS,
ME CAUSES MULHER, PROVAR QUERO EU QUE
TE QUERO, VENERO TEUS OLHOS, TEU PORTE, TEU SER
MAS DIGA TUA ORDEM ESPERO, POR TI NÃO ME IMPORTA,
MATAR OU MORRER

E ELA DISSE, AO CAMPÔNIO A BRINCAR



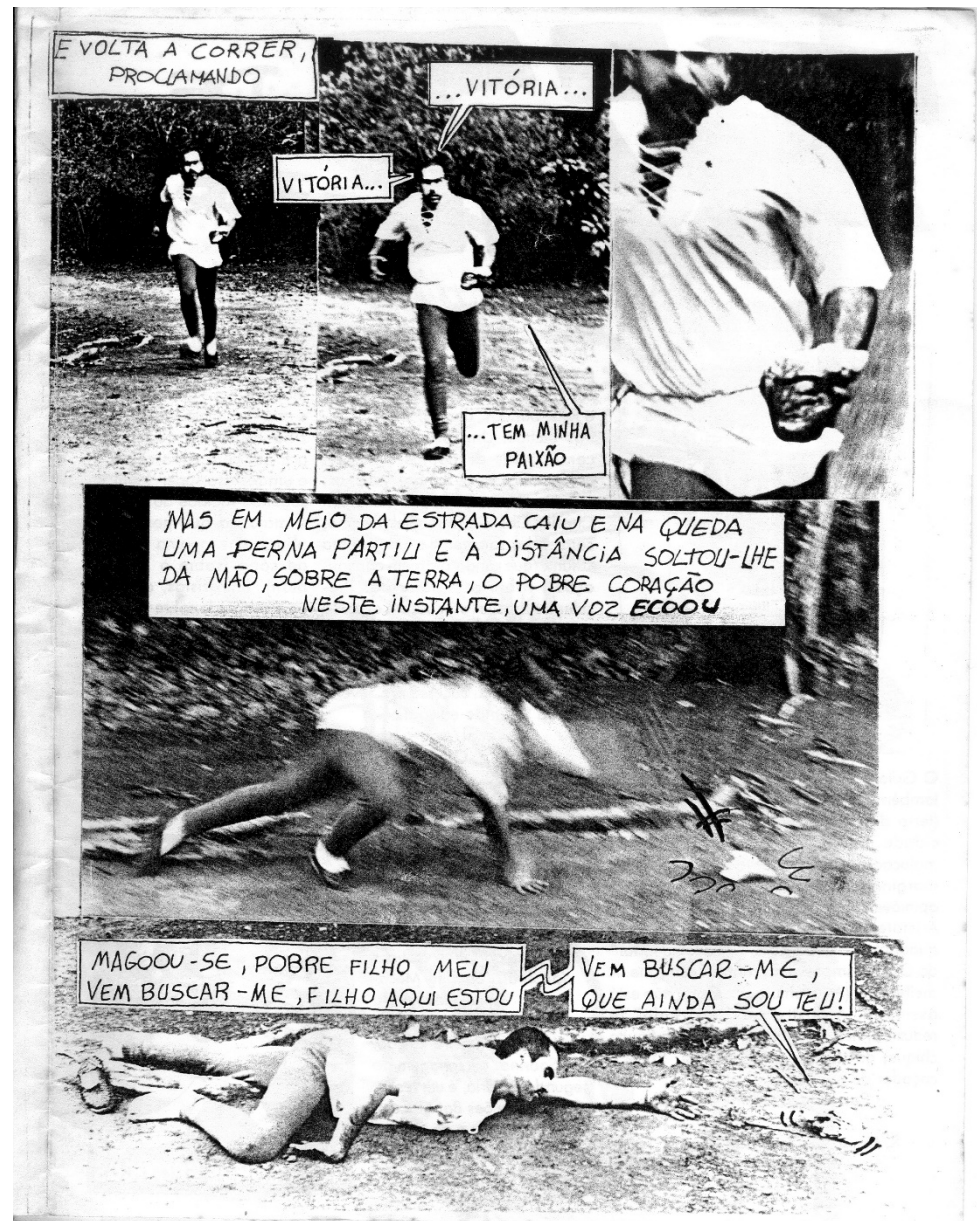
SE É VERDADE, TUA LOUCA
PAIXÃO, PARTE JÁ E
PRA MIM VAI BUSCAR...

... DE TUA MÃE, INTEIRO,
O CORAÇÃO

E A CORRER, O CAMPÔNIO
PARTIU, COMO UM RAIO,
NA ESTRADA SUMIU



SUA AMADA, QUAL LOUCA FICOU, A CHORAR, NA ESTRADA TOMBOU...



ZINE DE FORA

O Grito



O Grito é um Clube de ficção científica e também um fanzine com a cara de Viçosa (terra de repúblicas e estudantes, é uma cidade muito louca, com a respectiva malucada). Um zine de quadrinhos super marginais e escrachados, com artigos, opiniões sobre demos (Os Baratas Tontas, Aristóteles de Ananias Jr., etc.) e mais quadrinhos. O Konga é o "editor ditador" do Grito, e impõe uma marca bem forte. A melhor HQ (As Aventuras de Golô) não está assinada. A ilustração "recortada" (e reduzida) nesta página é a abertura (muito chique) da terceira parte da HQ "Yuri, o caçador de gnomos".

Fernando Mendes (O Konga)
O Grito
R. Nossa Senhora das Graças, 160/B
Viçosa - MG CEP: 36570.000

Several

Este zine se auto-intitula "a Brazilian Underground Zine Divulgation" e é produzido pelo Augusto César, um cara cheio de contatos: zines de todo o País, bandas, demos, shows e outros bichos. Um zine de contatos, com críticas de demos e discos, comentários sobre bandas, poemas, etc.. Um Radical Chic pirateado, um Charles Chaplin (daqueles mesmo, com cachorro carente e tudo) e uma coluna (que ainda promete continuação!) sobre a História dos Presidentes brasileiros, causam espanto aos olhos mais sensíveis. Quem gosta de trocar figurinhas deve escrever pro Augusto, que é cheio dos flyers. Sucesso pro Several em sua segunda edição!

Several/Augusto César
Qd 7 Bl E Casa 44
Cruzeiro Velho
Brasília - DF CEP:70 640.058

Massive Reggae

Este é pra quem (e somente quem) gosta de (muito) reggae (e entende). O Massive tem 3 anos de idade e está na quinta edição. Um zine de muita qualidade gráfica, com capa colorida e um recurso super legal: a segunda metade do fanzine é maior, o que possibilita abrir o zine logo na matéria de capa (sobre o Yellowman). Entrevistas, críticas, matérias, tudo sobre reggae. Vendem espaço publicitário e têm até uma polêmica com um repórter da Bizz sobre o ídolo e guru Bob Marley. Só para o gueto.

Massive Reggae
R. Padre Rolim, 636/103
Belo Horizonte - MG
CEP:30130.090

FESTA DO INTERIOR

Banana Mecânica
Já foi lançado em Juiz de fora a mais nova revista de quadrinhos eróticos (auobra!): Banana Mecânica, uma revista sacaninha, que trouxe duas histórias na primeira edição. A Sabrina, personagem da segunda história, é um tesão. Congratulações Bat Macumba ao Marcelo e ao Córrea, que assinaram as duas HQs.

